

Edifício Montreal

Arquitetura Moderna e Orgulho Nacional apropriados pela Iniciativa Privada paulistana na década de 1950.

Daniela Viana Leal

Doutoranda em História Unicamp

danivian@unicamp.br

Na década de 1950, as construções de arranha-céus e melhoramentos urbanos expressam fisicamente o projeto da sociedade paulistana de consolidar sua auto-imagem como uma grande metrópole de destaque no cenário nacional. Nesse período, os paulistanos se orgulhavam de morar na “cidade que mais cresce no mundo”, lema progressista repetido com altivez, sem medir suas conseqüências. Os slogans como “*São Paulo não pode parar*” mostram como o crescimento se torna, nesse momento, um atributo preponderante e determinante, não mais um objetivo, mas sim um destino da cidade.

O ponto máximo desse clima de otimismo perante o crescimento de São Paulo se deu com os festejos dos 400 anos de fundação da cidade. Uma comissão foi composta para organizar os preparativos da grande festa do Quarto Centenário. Como a cidade ainda não tinha infra-estrutura suficiente para receber tantos visitantes, foram feitos vários incentivos à construção de hotéis e equipamentos urbanos por parte da iniciativa privada. Foi dentro desse clima que o BNI construiu os edifícios Montreal e o Complexo Turístico Copan, ambos de autoria do então já afamado arquiteto Oscar Niemeyer.

A produção de prédios para venda das empresas e construtoras da época, e do BNI em particular, se filiam às novas propostas da Arquitetura Moderna Brasileira pelo veio nacionalista e como símbolo de modernização desenvolvimentista da nova metrópole paulistana em expansão. Afinal, esse é um período em que a arquitetura moderna é assimilada pelo grande público como símbolo do progresso nacional e como expressão artística e cultural legitimamente brasileira, ainda que de forma esvaziada das propostas originais.

Esse estudo de caso do Edifício Montreal busca apresentar esse momento da história tanto da arquitetura moderna brasileira quanto do crescimento das cidades do país e seus vínculos com a iniciativa privada na formação de um discurso nacionalista e desenvolvimentista típico do período.

In the decade of 1950, the urban constructions of skyscrapers and improvements physically express the project of São Paulo's society to consolidate its auto-image as a great metropolis of prominence in the national scene. In this period, the paulistanos were proud to live in the "city that more grows in the world", progressive motto repeated with proud, without measuring its consequences. Slogans as "São Paulo cannot stop" shows how the growth has become, at this moment, a preponderant and determinative attribute, not an objective, but a destination of the city.

The culminate point of this optimism was the city's fourth centenary commemorations. A commission was composed to organize a great party. As the city still did not have infrastructure enough to receive so many visitors, some urban incentives to the construction of hotels and equipment on the part of the private initiative had been made. It was by then that BNI constructed the Montreal building and the Tourist Complex Copan, both by Oscar Niemeyer, already a famous architect.

The companies and constructor's building production at the time, BNI in particular, was linked to the new proposals of the Brazilian Modern Architecture as a nationalistic symbol of modernization. After all, at this period, the modern architecture is assimilated by the great public as symbol of the national progress and as legitimately Brazilian artistic and cultural expression, although still away from its original proposals.

This study case of the Montreal Building aims to present this moment of the history of the Brazilian modern architecture, the growth of the Brazilians cities and its bonds with the private initiative in the formation of a typical nationalistic speech of the period.

Edifício Montreal

Arquitetura Moderna e Orgulho Nacional apropriados pela Iniciativa Privada paulistana na década de 1950.

O crescimento de São Paulo trouxe diversas mudanças não só ao panorama material da cidade como também ao quadro da vida cotidiana do habitante urbano. Ao longo das décadas de 1930 e 1940 e culminando nos anos 1950, o prédio de apartamentos foi se tornando um dos marcos mais reveladores dessa transformação da nova forma de habitar a nascente metrópole.

As primeiras ofertas de quartos de hotéis transformados em apartamentos no esquema kitchenette tiveram tamanha aceitação que serviram de alerta aos empreendedores para esse nicho de mercado importante que até então não estava sendo devidamente atendido¹.

Essa é a proposta do programa do Edifício Montreal, projeto no qual Niemeyer demonstrou maior empenho em garantir a execução apropriada de acordo com a proposta original, dentre os produzidos no mesmo período na cidade. Situado em um terreno de esquina entre a avenida Ipiranga e a rua Conceição, que posteriormente se tornaria avenida Cásper Líbero, o prédio se coloca num ponto focal importante na paisagem do centro da cidade. Entretanto, pelo mesmo motivo de localização, o projeto estava sujeito a dois conjuntos de regras diferentes, uma específica da Av. Ipiranga e outra referente à zona central, o que levou a grandes complicações, debates e demoras no andamento do processo de aprovação na Prefeitura.

¹ O caso específico de um hotel na rua do Gazômetro que teve seu uso transformado em residencial com a adequação de um gabinete de Kitchenette no antigo local de armário foi relatado por Carlos Lemos em depoimentos de 1999 à autora, e aparece também publicado em: SOUZA, Maria Adélia Aparecida, *A Identidade da Metrópole, a verticalização em São Paulo*, São Paulo: Hucitec - EDUSP, Coleção Estudos Urbanos, 1994

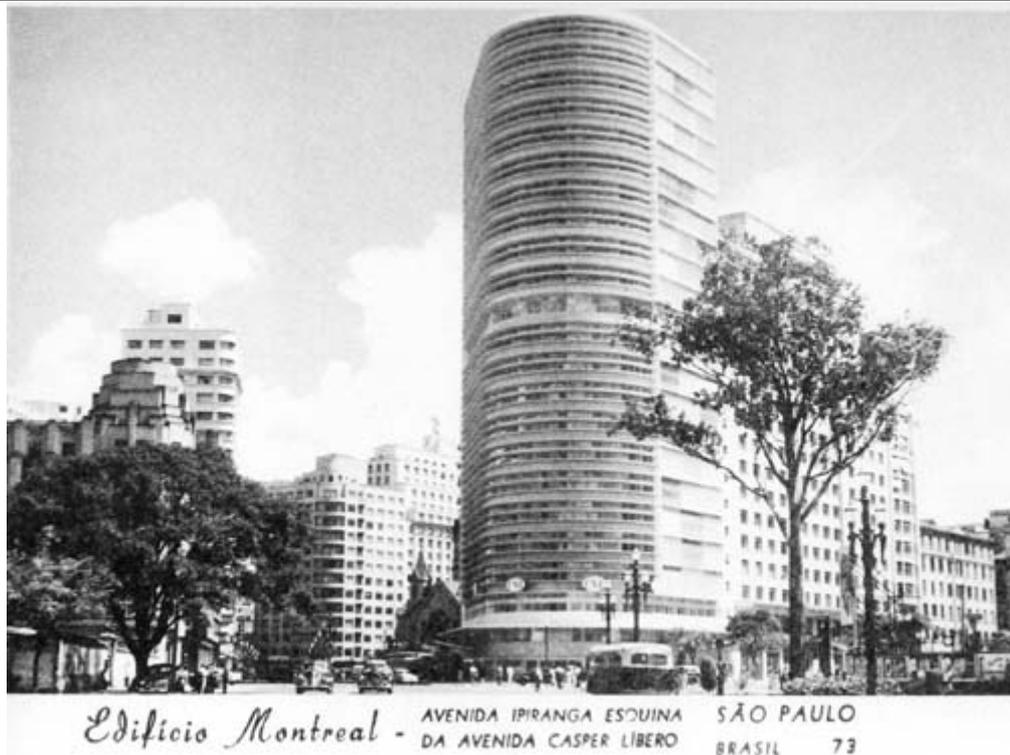


Figura 1: Cartão Postal do período apresentando o Edifício Montreal como orgulho da cidade.

O projeto foi primeiramente encaminhado em maio de 1951, e já na folha 3 do processo apresenta um pedido para que seja examinado pelo engenheiro chefe da Divisão com urgência. Essa necessidade de rapidez se deve, além do fato de se tratar de um empreendimento imobiliário visando o lucro mais rápido possível, ao fato de o lançamento do edifício estar vinculado às comemorações do Quarto Centenário da cidade. Como atestam os anúncios onde a obra foi apresentada pelo Banco Nacional imobiliário (BNI) como “monumento” comemorativo.

“O 1º. grande monumento do IV Centenário. (...)Um extraordinário projeto de Oscar Niemeyer, apresentando novos ângulos de perspectiva arquitetônica; pela primeira vez no Brasil - Apartamentos dotados de ‘brise-soleil’, de lâminas de alumínio móveis, que permitem controle individual de luz e ventilação nos apartamentos, além de favorecer a estética da fachada;”²

² É interessante notar como o uso do brise é apropriado pelo Banco como forma de valorizar o empreendimento, ou seja, uma solução típica do discurso moderno brasileiro acaba se transformando em um elemento da moda. Folha da Manhã, dia 19 de Abril de 1953, caderno Vida Social e Doméstica, página 6. Ver reprodução.



Figura2: Anúncios da Companhia Nacional de Investimentos, filiada ao Banco Nacional imobiliário no Jornal Folha da Manhã.

A euforia que envolvia os festejos do Quarto centenário era enorme, e o grande número de projetos envolvidos nos esquemas de melhoramentos para a cidade pela prefeitura desde 1951³ vinha realmente influenciando os ânimos dos empreendedores e do mercado imobiliário de uma maneira geral. O texto de divulgação desse plano atesta esse clima de entusiasmo:

“Para ser executado em quatro anos, foi organizado um gigantesco programa, já em execução, que permita à capital paulista fazer jus ao conceito que desfruta no conceito das nações americanas e européias. (...) uma onda de dinamismo invade o município bandeirante, do centro aos bairros, em execução de obras novas e de remodelações e embelezamento, preparando São Paulo para as comemorações de seu 4.º século de existência.”⁴

Essas obras urbanas, apesar de não constituírem um projeto elaborado estrategicamente com seqüências de operações previstas e coordenadas em favor de um objetivo claro, tinham sem dúvida um caráter modernizante. Esse conjunto de melhoramentos estava

³ O Plano de Melhoramentos Públicos foi aprovado pela Câmara Municipal de São Paulo em setembro de 1951 através da lei 4.104/51.

⁴ DEPARTAMENTO DE URBANISMO, “Urbanismo Bandeirante - IV Centenário de São Paulo”, *Acrópole*, n.º169, São Paulo, 1952

comprometido com a torrente de dinamismo que caracterizava a produção urbana da época em São Paulo. Foi dentro dessa conjunção que o edifício Montreal foi projetado, construído e aceito favoravelmente pela maioria recebendo críticas elogiosas e também sendo premiado como Edifício da Semana pelo jornal Folha da Manhã:

*“Está sendo construído junto à Av. Ipiranga, esquina da rua Conceição, um edifício de 22 andares, denominado Montreal, cuja área construída atingirá 13.300 metros quadrados. (...) O projeto é de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer (...).”*⁵



Figura 3: Jornal Folha da Manhã – Reportagem: “Entregue a São Paulo, no transcurso de seu IV centenário, o Edifício Montreal” e Anuncio do Banco Nacional Imobiliário: “Venha ver e admirar o primeiro grande monumento do IV Centenário – Edifício Montreal”

Análise do processo de aprovação pela Prefeitura

A primeira avaliação das plantas apresentadas se baseou no Decreto Lei⁶ que determinava as normas específicas para a nova avenida Ipiranga criada a partir da antiga rua Ipiranga em 1941. O avaliador verificou um problema a respeito da altura do edifício projetado. O artigo 4 previa que acima dos 52 metros de altura, os edifícios de esquina deveriam apresentar um recuo de 2 metros nos andares superiores. As regras eram bastante específicas, direcionando as construções mais altas à estética de escalonamento e recuos sucessivos. O parágrafo terceiro - com o qual o projeto de Niemeyer também não estava em

⁵ Folha da Manhã, dia 1º. de Junho de 1952, caderno Economia e Finanças, página 5.

conformidade - é um bom exemplo do tipo de limitações impostas pelas normas do código vigente:

“§3.º - Os corpos super-elevados, isto é, os que subirem além de 39,00 ms, deverão obedecer às seguintes determinações:

a) sua área deverá conter-se nos seguintes limites proporcionais à área do lote:

50% entre as cotas 39,00 e 52,00ms.

40% entre as cotas 52,00 e 75,00ms.

30% acima da cota 75,00ms.;”

Nessa mesma primeira avaliação, foram levantados diversos problemas a respeito da ventilação e iluminação dos cômodos dos apartamentos. O restaurante previsto para o subsolo, que não chegou a ser construído, também estava em desacordo com esses itens, quanto à vazão de saída e quanto à altura do pé direito que segundo a legislação em vigor deveria ser de, pelo menos, 4 metros.

Um outro problema apontado revela o quanto o código já estava defasado em relação aos novos modos de vida e de habitar da crescente metrópole. O edifício Montreal é composto por apartamentos de um quarto no sistema conhecido como kitchenette. Esse esquema de residência era usado principalmente por pessoas sozinhas ou jovens casais que eram atraídos a São Paulo pelas oportunidades de crescimento que a cidade oferecia em seu período de grande desenvolvimento.

Principalmente os migrantes, vinham para a nova metrópole em busca de oportunidades, sozinhos e sem muitos recursos. Dessa forma, procuravam se instalar, ainda que em caráter provisório, em espaços mínimos por serem financeiramente acessíveis e próximos a localizações centrais onde se concentravam os serviços urbanos e chances de emprego.

Por ser um programa arquitetônico novo, o Código Arthur Saboya, produzido em décadas anteriores, não previa sua regulamentação. O programa dos apartamentos se enquadrava na legislação como o mínimo previsto para habitação particular popular, com apenas um aposento, uma cozinha e um compartimento para latrina e banheiro⁷. A legislação, até então, não permitia que os cômodos de sanitários utilizassem ductos de ventilação, obrigando sua localização no perímetro da fachada, que costuma ser muito diminuta nessas

⁶Decreto Lei n.º 41 de 3 de Agosto de 1940

⁷ Art. 220 do Código Arthur Saboya.

tipologias⁸. Isso levava a diversos equívocos e complicações desnecessárias como as ocorridas no processo de aprovação do edifício Montreal.

Uma das queixas do avaliador, engenheiro Antônio José Capote Valente, quanto às primeiras plantas apresentadas é a seguinte:

“d) deve ser substituída a denominação de ‘sala’ por dormitório, e previstas venezianas.”⁹

Mais à frente, o engenheiro Carmello Damato completa, em nome da Prefeitura:

“A nosso ver, as dimensões das peças salas (que devem ser realmente dormitórios), permite fácil subdivisão, criando mais peças com infração do art. 157 [o artigo em questão se refere às normas de saguões e corredores de construções na zona central]”¹⁰

Esses comentários, assinados no início de junho de 1951, foram respondidos no final do mês seguinte em uma carta datilografada¹¹ com assinatura de Oscar Niemeyer em São Paulo que tratava especificamente da questão das restrições de altura e imposições de volumetria do edifício.

“No projeto que elaboramos para o prédio a ser construído na esquina da rua Conceição com a Avenida Ipiranga, tivemos presente a preocupação da forma plástica. E isso, por se tratar de um edifício privilegiadamente localizado, de cujo aspecto arquitetônico dependeria - pelo menos em parte - o conjunto urbanístico local. Com esse objetivo, procuramos solução em que predominasse proporção e unidade, o que nos levou a evitar o recuo de que trata o referido comunique-se, uma vez que o mesmo cortaria as fachadas, desproporcionando irremediavelmente todo o conjunto com a agravante - o que nos parece mais grave - de deixar ostensivamente à vista para a praça, a empena do prédio vizinho (da rua Conceição).”

A carta apresenta considerações técnicas e cálculos de porcentagens de área de acordo com as imposições legais encontrando em outros artigos do mesmo Decreto-lei soluções para aprovação de edifícios com altura ainda maior do que a apresentada no projeto. Com

⁸ Isso levava alguns proprietários a pedirem a aprovação dos projetos na prefeitura como hotéis, tipologia que permitia o uso dos ductos nos banheiros internos.

⁹ Folha 3 do processo 102606 da Prefeitura Municipal de São Paulo

¹⁰ Folha 4 do processo 102606 da Prefeitura Municipal de São Paulo

¹¹ Folhas 53 e 54 do processo 102606 da Prefeitura Municipal de São Paulo

isso, desbalizava os argumentos dos pareceristas de que o único objetivo do edifício fosse lucro imobiliário.

“Sua área total de construção é de 41.600,00 m³, demonstrando portanto não ser objetivo principal o aproveitamento máximo permitido, apesar de se tratar de local super valorizado.”¹²

Outro argumento usado diz respeito à estética urbana geral. Estariam prevenindo com o projeto que a empena do edifício vizinho da rua Consolação, cuja legislação permitia uma altura de até 80 metros, ficasse aparente, comprometendo o conjunto. Dessa forma, o arquiteto deixa clara que suas preocupações não se limitam à busca de lucro no mercado imobiliário, mas está voltada a questões mais amplas ligadas à arquitetura e ao urbanismo.

“Para maior clareza, Sr. Engenheiro Chefe, juntamos as fotografias da obra em apreço, solicitando de V.S. um novo exame do assunto, uma vez que o nosso projeto visa - antes de tudo - dar à cidade de São Paulo um prédio que não a comprometa urbanisticamente, contribuindo ao contrário, para o seu engrandecimento arquitetônico.”

As fotografias em questão são da maquete e sua ótima qualidade com certeza impressionou os avaliadores da Prefeitura (Fig.4). Uma delas foi acompanhada por um desenho em folha transparente, que era sobreposta à foto explicando claramente o quanto as mudanças impostas pela legislação comprometeriam a proposta arquitetônica (Fig.5). Outros dois desenhos à grafite apresentam, em folha transparente, o conjunto formado pelo edifício Montreal e seus vizinhos na Av. Ipiranga; um conforme o decreto lei, intitulado “verifica-se que não há continuidade do recuo de 39 metros”; e um outro croqui chamado “nosso projeto” (Fig.6).

¹² A área máxima permitida seria de 42. 445,00m³ segundo as contas apresentadas.

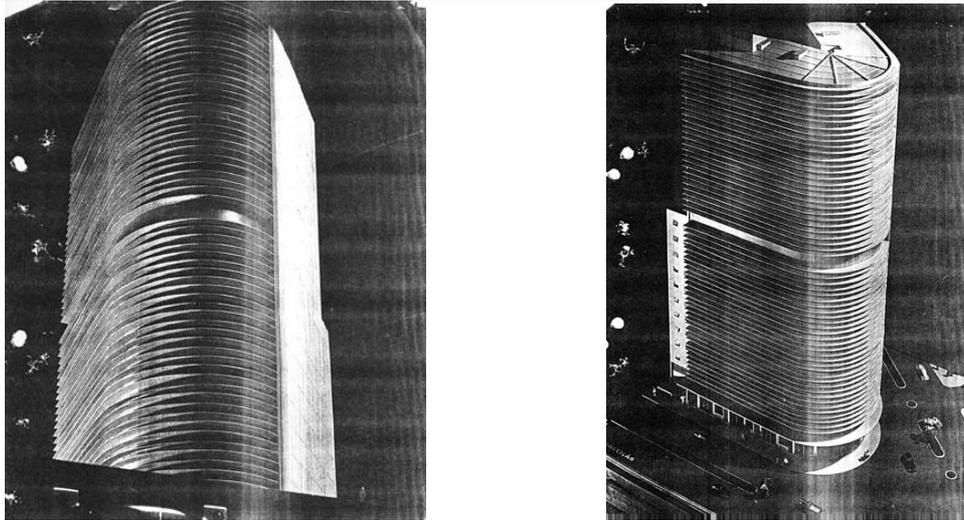


Figura 4: fotos da maquete

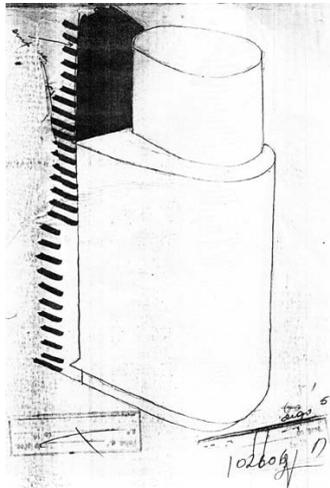


Figura 5: desenho em folha transparente acompanhando foto da maquete.

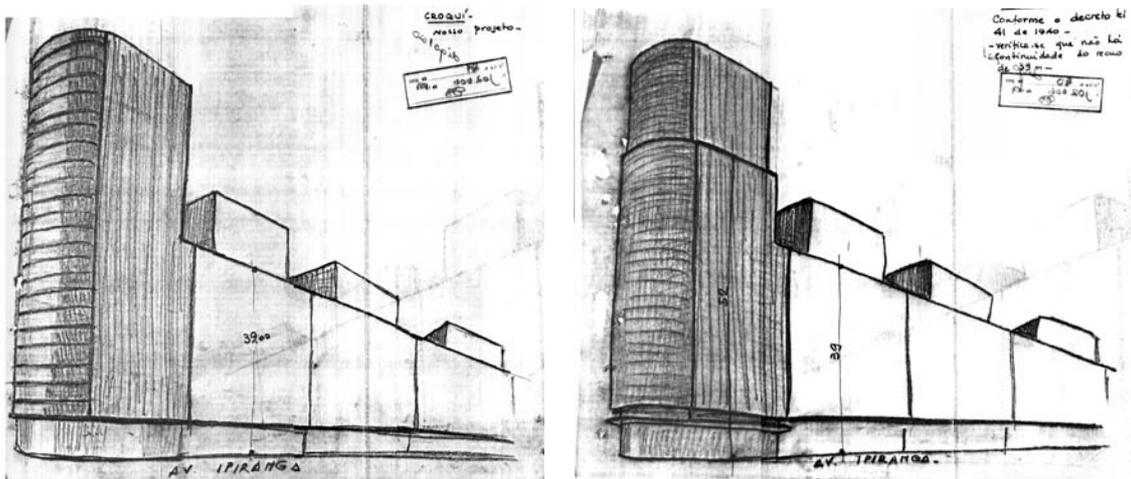


Figura 6: Desenhos explicativos no processo de aprovação de Prefeitura.

Foi enviando também um pequeno texto escrito a mão onde reforçava seus argumentos da seguinte forma:

“2) Considerando-se o local como ‘ponto focal’ evitou-se o recuo de 2,00 metros acima da cota 50. A perspectiva junto mostra como essa solução prejudicaria a estética do prédio, desproporcionando seu volume e comprometendo urbanisticamente a praça em que o mesmo será localizado.

3) Baseados nestas razões, os arquitetos solicitam dispensa do referido recuo e - como decorrência inevitável - da área de ocupação fixada pelo Código para os últimos pisos.”¹³

No dia seguinte a ter assinado essa carta, Niemeyer assina uma autorização que dá ao engenheiro João Toledo Piza, funcionário do BNI, a permissão de tomar todas as providências em relação ao andamento do processo perante a Prefeitura. É ele quem assina a apresentação das novas plantas garantindo que todas as solicitações foram atendidas, excetuando o pé direito do restaurante para o qual pedia tolerância de cinquenta centímetros. Entretanto, a respeito da questão da volumetria, deixa claro, logo na segunda frase que o ponto de vista do arquiteto seria exposto em separado.

Todos esses argumentos e a insistência em manter a volumetria do projeto original parecem ter surtido efeito, pois, em 24 de outubro de 1951, é assinado um informativo favorável à aceitação do projeto de Niemeyer como apresentado:

“Entretanto, tendo em vista poder na R. Conceição ser elevado prédio até a altura máxima de 75m no alinhamento, somos favoráveis à dispensa do recuo de 2 metros acima da cota de 52 metros (...), mesmo porque, além do mau aspecto arquitetônico pela separação das massas (massas superpostas), não haverá continuidade desse recuo com o futuro prédio vizinho da Av. Ipiranga, à vista do recuo lateral das divisas obrigatório. (...) os corpos sobre elevados, frutos da aplicação da redução das áreas previstas (...), dariam nesse caso, péssimo aspecto e solução arquitetônica, mormente em se tratando de ponto quasi focal, bem visível de quem da R. Conceição vem para a cidade.”

O relatório do engenheiro Roberto de Barros Lima¹⁴ é menos amigável. Apesar de admitir:

¹³ Folha 10 do processo 102606 da Prefeitura Municipal de São Paulo

¹⁴ Folha 116 do processo 102606 da Prefeitura Municipal de São Paulo

“(...) dada à localização especial do lote, se o recuo lateral acima da altura de 52 metros for obedecido, acarretará a visualização do paredão cego do prédio contíguo, o que sem dúvida é prejudicial à estética arquitetônica do local, bem como, do prédio propriamente dito.”

No último parágrafo adverte:

“Trata-se entretanto de infração, de regulamentação aprovada, cabendo, pois, à alta administração deliberar sobre o assunto.”

Com isso o processo é encaminhado à Diretoria, o que atrasa ainda mais o andamento da aprovação na Prefeitura. Em um dos relatórios anexados ao processo é feita a seguinte afirmação que indica a posição contrária por parte de alguns avaliadores:

“Parece-nos, entretanto, importante ressaltar que bons projetos podem ser elaborados também dentro das exigências legais se forem projetados sem atingir os limites máximos legais estabelecidos. Isso, evidentemente, vem de encontro aos interesses econômicos.”¹⁵

Com todos esses contratempos o alvará só foi expedido em janeiro de 1952. Não é possível alegar, portanto que as influências políticas e econômicas do BNI tenham interferido com manipulações para a aprovação, inclusive porque logo no primeiro parecer aponta-se que falta nas plantas o visto da Engenharia Sanitária. Interessante notar essa ausência por se tratar justamente do órgão onde trabalhava Carlos Lemos, responsável pelo escritório paulistano de Niemeyer na época.

A construção, ao contrário do processo de aprovação na Prefeitura, foi realmente rápida. Em apenas um mês, foram fundidas 5 lajes, uma agilidade desconhecida na época que se tornou característica das obras do BNI /CNI.

Os avanços eram comemorados passo a passo e divulgados pelo jornal Folha da Manhã, que como já se comentou, estava estreitamente ligado ao Banco. Na reportagem a respeito do término da estrutura, há fotografias da festa da cumeeira e comentários de Narciso Costa, um dos chefes dos corretores, sobre os recordes da construção e sobre seu impacto na paisagem que deixam ainda mais claras as preocupações dos empreendedores.

“A projeção arquitetônica do edifício Montreal, seu relevo no panorama da cidade, está além da expectativa. Oscar Niemeyer está cooperando com sua arte para o brilho dos festejos do

IV Centenário, não apenas no Ibirapuera, mas também aqui, algo de extraordinário em arquitetura avançada. (...) Observe a fachada do edifício, a rigor são fachadas, porque uma difere da outra. A frente para a Av. Ipiranga é toda ela em lâminas de alumínio, variando a feição plástica da fachada de acordo com o movimento do sol. Por sua vez a fachada voltada para a praça Getúlio Vargas, que resulta da confluência das avenidas Ipiranga e Conceição, e para a Av. Conceição, é toda ela em lâmina num tom amarelo cádmio. Estas fachadas emprestarão ao bloco arquitetônico uma projeção rara, constituindo para São Paulo e para os paulistanos um monumento de rara beleza que com orgulho será mostrado aqueles que nos visitarem no IV Centenário.”¹⁶

Essa tendência dos empreendedores de investirem e de se apropriarem do orgulho paulistano pelo desenvolvimento de sua cidade chegou a ponto de convidarem o prefeito de Montreal, no Canadá para presidir a solenidade de entrega do edifício. Os anúncios seguem esse mesmo partido:

“Uma arquitetura diferente, sintetizante a presença de todas as artes - eis o edifício Montreal, vigorosa obra de Oscar Niemeyer (...)”¹⁷

Destacavam também a relação, já vista, com as comemorações para o Quarto centenário da cidade e com Prestes Maia apresentando fotos dos dois:

“um monumento ao IV Centenário / criado pelo gênio de Oscar Niemeyer / concretizado pela capacidade realizadora de Prestes Maia”¹⁸

A solenidade de entrega do edifício foi acompanhada e publicada no jornal Folha da Manhã. No artigo destaca-se a rapidez da construção que é definida por um dos representantes da CNI:

“Nossa obra só foi possível, empregando 400 operários que, em turnos, trabalhavam as 24 horas do dia por todo o período da construção.”

Estavam presentes nesse evento, entre outros, Carlos Lemos, Otávio Frias e Di Cavalcanti. Esse último faz uma declaração reproduzida no jornal, elogiando a obra.

¹⁵ Folha 117 do processo 102606 da Prefeitura Municipal de São Paulo

¹⁶ Folha da Manhã, dia 23 de Agosto de 1953, caderno Assuntos Especializados, página 3. Ver reprodução na página 79 do Apêndice I.

¹⁷ Folha da Manhã, dia 29 de Novembro de 1953, caderno Assuntos Especializados II, página 9. Ver reprodução na página 81 do Apêndice I.

¹⁸ Folha da Manhã, dia 24 de janeiro de 1953, caderno Assuntos Gerais, página 1.

“O Edifício Montreal constitui um dos mais belos conjuntos de São Paulo. Ele é, atualmente, o ponto máximo de referência dentro da nossa cidade. Demonstra também que já criamos uma boa mentalidade construtiva, onde além de construir se necessita construir harmoniosamente de acordo com os princípios da arte moderna. E o Montreal atende aos dois sentidos: é belo e funcional.”¹⁹

A respeito do Edifício Montreal, Lemos relatou que a realização do painel de Di Cavalcanti se deu no espaçoso escritório de São Paulo. Segundo ele, o desenho foi desenvolvido em uma escala reduzida e posteriormente enviado à empresa responsável pela sua execução em pastilhas, para ser ampliado com um pantógrafo, sem a supervisão do artista.

O resultado final, na entrada subterrânea do edifício, foi utilizado pela empresa produtora do mosaico vitroso Vidrotil em propagandas de seu produto em revistas especializadas em arquitetura como a Habitat (Fig.7).

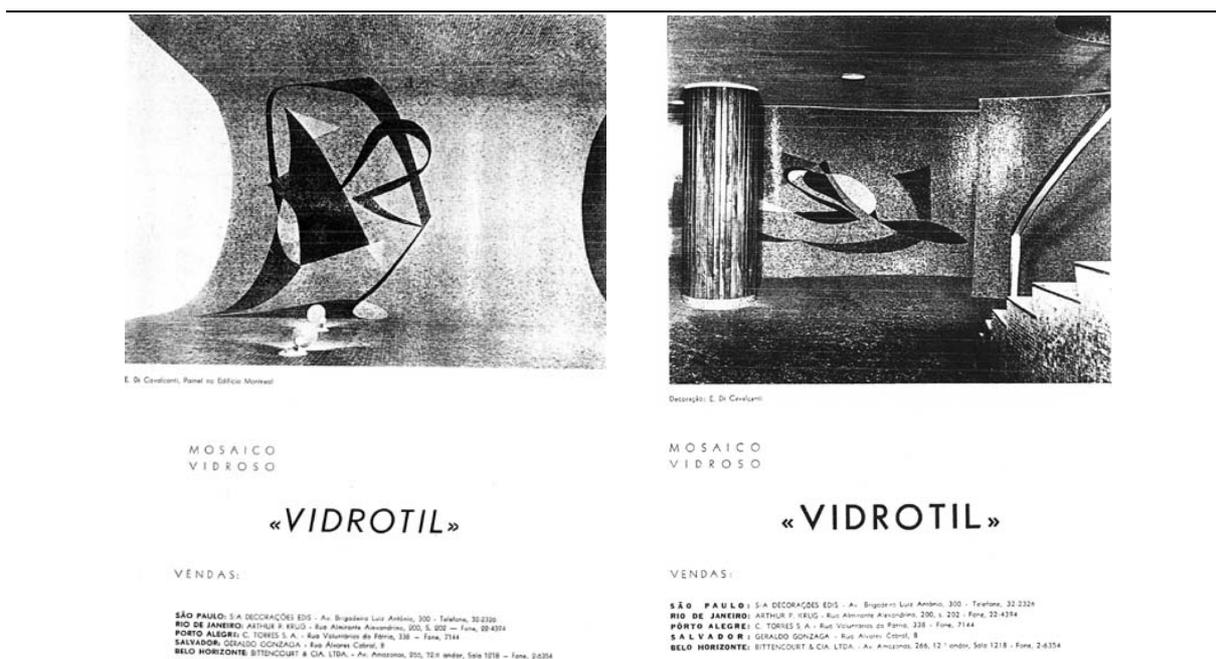


Figura 7: Anúncios com as imagens dos painéis do Edifício Montreal.

No Edifício Montreal, Niemeyer demonstrou seu compromisso com a arquitetura de qualidade, desafiando as imposições legais e acelerando o processo de modernização do código de obras e das leis de zoneamento. A discussão levantada pelo projeto do Edifício Montreal foi uma das responsáveis pelas regulamentações a respeito das kitchenettes que viriam a ser construídas em grande quantidade posteriormente em São Paulo.

¹⁹ Folha da Manhã, dia 26 de janeiro de 1953, caderno Assuntos Especializados, página3. Ver reprodução na página 83 do Apêndice I.

“Nessa época, Otávio Frias e Roxo Loureiro, que era o acionista majoritário do BNI, (banco dono da CNI - empresa responsável pela obra do Copan) constituíram uma comissão com engenheiros e arquitetos da Prefeitura de São Paulo, para auxiliá-los na realização da incorporação dentro da lei e para sugerir as mudanças necessárias no código de obras que favorecessem aquele tipo de incorporação.”²⁰

Repercussão

O Montreal é um dos poucos edifícios de Niemeyer desse período comentado em publicações internacionais a respeito de sua obra. Stamo Papadaki, J. M. Botey e Lionello Puppi citam rapidamente o Montreal entre os raros comentários sobre as obras de Niemeyer da década de 1950. Na publicação *Oscar Niemeyer* (Milano: Mondadori, 1975) há uma relação de projetos realizados entre 1942 e 1957 onde aparecem apenas o Edifício Montreal e o Conjunto Copan dentre as construções paulistanas da mesma época.

Mesmo assim, a planta tipo apresentada, em geral, mostra apenas a localização dos pilotis recuados da fachada como um exemplo próprio da proposta modernista de desvincular estrutura e vedação. Também exemplar é a planta do pavimento de entrada e recepção localizada a meio nível abaixo do nível da rua, em uma solução parecida com a que seria usada no hall de entrada do Edifício Triângulo. Nessa proposta os pilares fixos são mantidos aparentes e as poucas paredes são, em maioria, curvas formando um desenho livre e criativo que diferenciava a obra de Niemeyer mundialmente (Fig.8). Percebe-se aqui a mesma diferenciação do tratamento do espaço coletivo - térreo, hall, galeria - e privado - pavimentos superiores particulares - reconhecida no Edifício Califórnia.

²⁰ SOUZA, Maria Adélia Aparecida, *A Identidade da Metrópole, a verticalização em São Paulo*, São Paulo: Hucitec - EDUSP, Coleção Estudos Urbanos, 1994

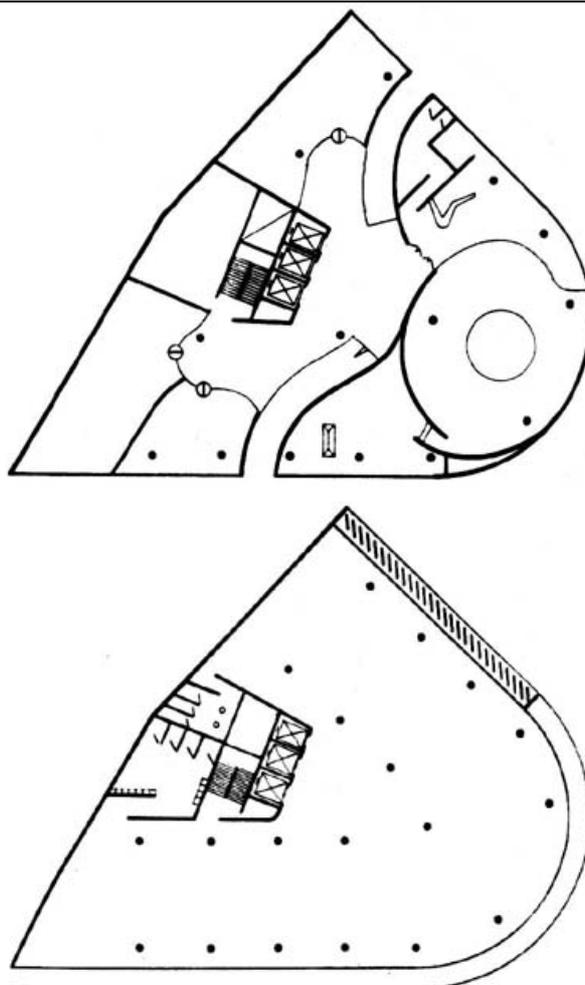


Figura 8: Planta do nível de entrada e planta tipo

No livro monográfico patrocinado pela editora Mondatori²¹ e no de autoria de Josep M. Botey sobre Niemeyer são apresentadas exatamente as mesmas plantas e a mesma foto da maquete do edifício Montreal. Ambas datam a obra de 1950 e na publicação de Botey, há ainda o erro de definir a obra como um edifício para escritórios.

O volume final impressiona²². Os brises foram estudados para garantir a melhor proteção contra os raios do sol, de forma diferenciada para cada uma das faces expostas. Assim, a face voltada à avenida Ipiranga é recoberta por brises verticais formando um grande plano regular onde apenas as linhas referentes às lajes dos pavimentos quebram a verticalidade. Já a parte curva do volume e a fachada voltada à antiga rua Conceição recebem o tratamento mais interessante. Cada andar é recoberto por três faixas horizontais

²¹ NIEMEYER, Oscar, *Oscar Niemeyer*, Milão: Arnoldo Mondatori, 1975 (ed. Francesa: Lausanne: Edições Alfabeta, 1977)

²² O edifício Montreal vem passando por um longo trabalho de reforma e manutenção que envolve também a fachada que o tornou um dos símbolos da região, como atestam diversas reportagens e cartões postais com sua

eqüidistantes e que seguem ininterruptamente ao longo da fachada (Fig.9). O Memorial Descritivo apresentado na prefeitura o definia da seguinte forma:

“Fachada - terá elementos de fibro cimento vazados, formando quebra-sol para maior conforto no ambiente.”²³

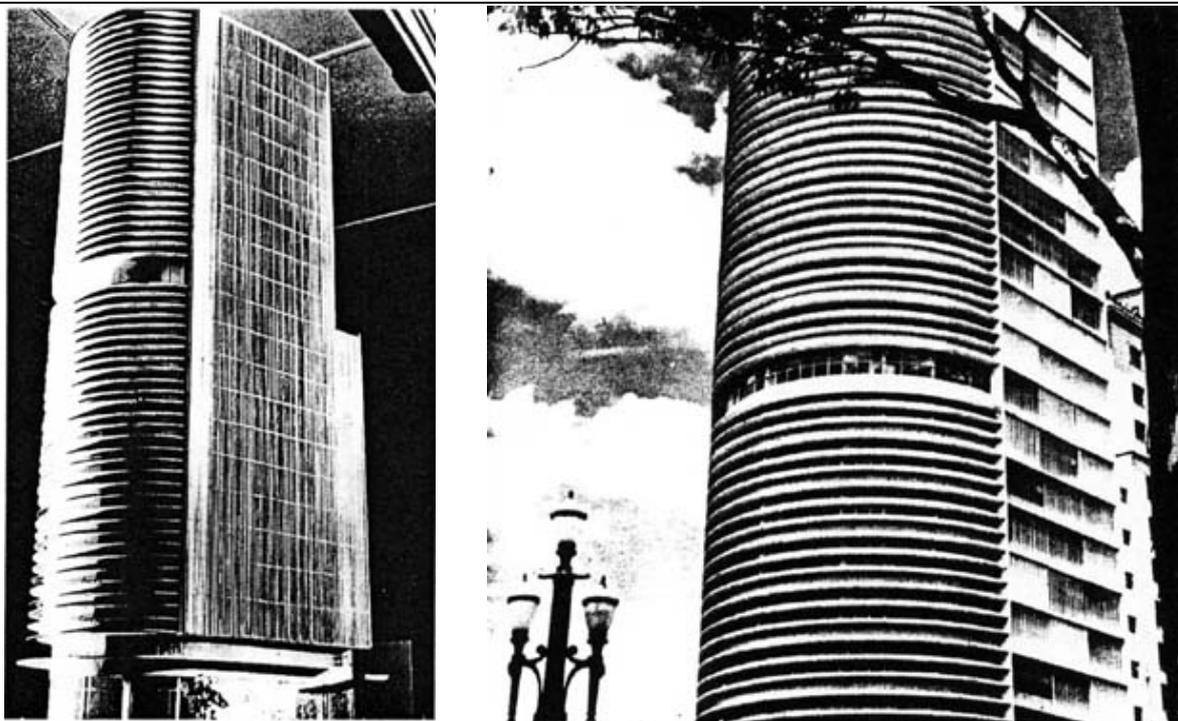


Figura 9: Fachada do Edifício em Maquete e em foto do período.

Apesar de se acreditar, normalmente, que linhas horizontais tendem a cortar o efeito visual de altura e verticalidade, a pequena distância entre os brises nesse projeto causa uma ilusão de ótica fazendo com que o edifício pareça mais alto do que verdadeiramente é. A ampliação da estreita rua Conceição transformada na ampla avenida Casper Líbero aumentou os ângulos de visão possíveis valorizando ainda mais essa solução arquitetônica. Esse esquema, a volumetria e o partido de implantação do Edifício Montreal é muito próximo ao utilizado, mais ou menos na mesma época no edifício sede do Banco Mineiro de Produção (1953). Localizado no centro de Belo Horizonte, em um terreno de esquina na confluência de ruas importantes, o projeto mineiro também está num interessante ponto focal. Nele, Niemeyer ameniza o ângulo agudo da esquina arredondando-a e encostando a face oposta ao limite do lote vizinho como já havia feito no edifício Montreal. Assim ele consegue uma forma contínua sem arestas bruscas. A torre tem fechamento em vidro

imagem estampada.

²³ Folha 16 do processo 102606 da Prefeitura Municipal de São Paulo

protegido em uma das faces por brises horizontais como os previstos no Montreal para a rua da Conceição, hoje Av. Casper Líbero.

Esse recurso também foi usado no edifício residencial de apartamentos de luxo em Belo Horizonte construído logo depois (1955-1960). Erigido no Bairro da Liberdade, também se encontra em posição de visualização privilegiada. Na confluência de três ruas, a obra está em um ponto simétrico ao Palácio do governador do Estado de Minas Gerais em relação à Praça da Liberdade. Além do espaço livre para visualização conferido por essa situação e pelo gabarito relativamente baixa das construções vizinhas, o terreno se encontra em um ponto alto da topografia, contribuindo para o destaque ainda maior do volume na paisagem urbana.

O edifício Montreal vem passando por um longo trabalho de reforma e manutenção que envolve também a fachada que o tornou um dos símbolos da região, como atestam diversas reportagens e cartões postais com sua imagem estampada. Esta é uma das demonstrações de como a arquitetura moderna brasileira se vinculou ao orgulho nacional também através da iniciativa privada na cidade de São Paulo na década de 1950.

Bibliografia:

- AMERICANO, Jorge. **São Paulo atual (1935 - 1962)**. São Paulo, Melhoramentos, 1963.
- ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio, KON, Nelson, **Rino Levi, Arquitetura e Cidade**, São Paulo: Romano Guerra, 2001.
- ARGAN, Giulio Carlo, **História da Arte como História da Cidade**, São Paulo: Martins Fontes, 1998
- ARTIGAS, Vilanova **Caminhos da Arquitetura**, São Paulo: Cosac & Naif, 1999.
- AZEVEDO, Ricardo M. **Metrópole Abstração**. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 1993
- BOTEY, Josep Maria, **Oscar Niemeyer: Obras y proyectos**, Barcelona: Gustavo Gill, 1996, 255p
- BRUAND, Yves, **Arquitetura contemporânea no Brasil**, Trad. Ana M. Goldberger. São Paulo: Perspectiva.1981.
- BRUNO, Ernani. **História e tradições da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1984.
- CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era moderno - Guia de arquitetura 1928 - 1960**, Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- COSTA, Lúcio. **Lúcio Costa: Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes. 1995

- CORONA, Eduardo. **Oscar Niemeyer: uma lição de arquitetura (apontamentos de uma aula que perdura há 60 anos)**. São Paulo: FUPAM, 2001
- CORREA, Marcos de Sá, **Oscar Niemeyer**, Perfis do Rio, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996
- FICHER, Sylvia e ACAYABA, Marlene Milan. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982.
- FONSECA, Nuno de Azevedo, **A Arquitetura do Mercado Imobiliário e seu Processo de Produção na cidade de São Paulo**, São Paulo, 2000, Tese de doutorado, orientador: SAWAYA, Sylvio de Barros.
- KATINSKY, Julio, **Brasília em Três Tempos: A Arquitetura de Oscar Niemeyer**, Rio de Janeiro: Editora Revan, 1991
- LEMOS, Carlos. **Arquitetura brasileira**. São Paulo, Melhoramentos/ Edusp, 1979.
- LUIGI, Gilbert, **Oscar Niemeyer, une esthetique de la Fluidite, série: Monographies d'architectes**, Marselha: Edições Parenthèses, 1987.
- MEYER, Regina Maria Proserpi **Metrópole e Urbanismo - São Paulo anos 50** , Tese de doutoramento, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1991, orientador Celso Monteiro Lamparelli.
- MENDONÇA, Denise XAVIER DE. **Arquitetura metropolitana de São Paulo, década de 1950**. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 1999, orientador Carlos Martins.
- NIEMEYER, Oscar, **Oscar Niemeyer**, Milão: Arnaldo Mondatori, 1975 (ed. Francesa: Lausanne: Edições Alfabeta, 1977).
- NIEMEYER, Oscar, **A Forma na Arquitetura**, Rio de Janeiro, Avenir, 1978 (ed. italiana: Milão: Arnaldo Mondatori, 1978 e ed. francesa: Paris: Métropolis, 1978).
- NIEMEYER, Oscar, **Oscar Niemeyer** , São Paulo: Almed, 1985.
- NIEMEYER, Oscar, **Meu Sócio e Eu**, Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- NIEMEYER, Oscar. **As curvas do tempo: Memórias**. Rio de Janeiro: Revan. 1998.
- NIEMEYER, Oscar. **Minha Arquitetura**, Rio de Janeiro: Revan, 2000.
- PAPDAKI, Stamo, **The Work of Oscar Niemeyer**, New York: Reinhold Publishing Corporation, 1950.
- PAPDAKI, Stamo, **Oscar Niemeyer, Works in Progress**, New York: Reinhold Publishing Corporation, , 1956.
- PAPDAKI, Stamo, **Oscar Niemeyer**, New York: Georges Braziller Inc., 1960 (Ravensburg, Il Saggiatore, Milano, 1961)
- PEREIRA, Miguel Alves. **Arquitetura, Texto e contexto: o discurso de Oscar Niemeyer**, série: Coleção Arquitetura e Urbanismo, Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

- PETIT, Jean, **Niemeyer Poète D'Architecture**, série: Panoramas Forces Vives, Fida Edizioni d'Arte, Lugano, 1995 (versão brasileira: **Niemeyer, Poeta da Arquitetura**, Fida Edizioni d'Arte, Lugano, 1995).
- PUPPI, Lionello, **Guida a Niemeyer**, Milão: Arnaldo Mandatori, 1987 (versão brasileira: **A Arquitetura de Oscar Niemeyer**, Rio de Janeiro: Revan, 1988)
- RECAMAN BARROS, Luiz Antonio "**Por uma arquitetura brasileira**" - Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1995.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **São Paulo e outras cidades**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SODRÉ, Nelson Werneck, **Oscar Niemeyer**, série: Coleção EU Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- SPADE, Rupert, **Oscar Niemeyer**, série: Masters of Modern Architecture, Londres: Thames and Hudson, 1971.
- UNDERWOOD, David, **Oscar Niemeyer, Brazilian Free-Form Modernism**, New York: George Braziller, 1994.
- UNDERWOOD, David, **Oscar Niemeyer and the Architecture of Brazil**, New York: Rizzoli, 1994.
- VALLE, Marco Antônio Alves do, **Desenvolvimento da Forma e Procedimentos de Projeto na Arquitetura de Oscar Niemeyer (1935-1998)**, São Paulo, 2000, Tese de Doutorado, orientador: SAWAYA, Silvyo de Barros.